

Da *montação* à construção definitiva: uma análise das práticas e representações de travestis na cidade de Ituiutaba (década de 1990 a 2019)

“Montação” and definitive construction: an analysis of transvestite practices and representations in the city of Ituiutaba (1990s to 2019)

Gustavo de Souza Rubbi

Graduado em História

Universidade Federal de Uberlândia

gustavorubbi@hotmail.com

Recebido em: 01/02/2021

Aprovado em: 11/06/2021

Resumo: Ao longo da história as travestis têm sido alvos de sucessivas tentativas de negação de seus corpos e identidades. A fim de contribuir com os estudos acerca da temática de gênero e da história de travestis, o presente trabalho tem como objetivo compreender as práticas e representações de travestis na cidade de Ituiutaba, examinado tanto suas visões de mundo quanto suas percepções acerca dos modos como são vistas pelos demais segmentos da sociedade. Além de analisar as experiências desses sujeitos históricos, a pesquisa propõe-se a entender suas demandas e perspectivas. Para isso, são utilizadas as categorias de análise espaço de experiência e horizonte de expectativa de Reinhart Koselleck; e o conceito de representação de Roger Chartier. O procedimento de análise baseia-se em técnicas de pesquisa da história oral e na abordagem qualitativa, atentando-se para os indícios presentes nas falas das entrevistadas e nas singularidades que marcam suas experiências de vida.

Palavras-chave: Travesti; Representações; Gênero.

Abstract: Throughout history the transvestites had their bodies and identities invalidated. In order to contribute to studies on the theme of gender and to history of transvestites the present article aims to understand their practices and representations in the city of Ituiutaba. The study seeks to analyze their worldviews and how they understand that society sees them. In addition to analyzing the experiences of these historical subjects, the research aims to understand their demands and perspectives. To complete the objectives, different categories of analysis were used, between them, Reinhart Koselleck's “space of experience” and “horizon of spectation” and Roger Chartier's concept of “representation”. The analysis procedure is based on research techniques of oral history and on a qualitative approach. We also pay attention to the evidence present in the interviewees' statements and in the singularities that marked their life experiences.

Keywords: Transvestites; Representation; Gender.

Introdução

A multiplicidade das experiências travestis tem sido, cada vez mais, objeto de compreensão. Nos estudos acadêmicos a respeito do tema, observa-se a constatação dos olhares curiosos, desejanter ou de reprovação da população. Assim, dentro desse contexto de múltiplas interpretações, a pesquisa foca em compreender as práticas e representações das travestis na cidade de Ituiutaba¹, examinado tanto as suas visões de mundo quanto as suas percepções em relação aos modos como são entendidos pelos demais segmentos da sociedade. Buscou-se através da realização de entrevistas orais², entender os principais desafios e problemas de um processo de construção corporal e subjetivação de uma identidade travesti, bem como perceber a multiplicidade de experiências e expectativas desses sujeitos. Ademais, pretendeu-se analisar as estratégias e performances utilizadas pelas travestis para transitarem tanto nos espaços de prostituição quanto nos espaços de sociabilidade.

Com o objetivo de compreender as práticas e representações de travestis na cidade de Ituiutaba e examinar suas experiências de mundo, utilizou-se como fontes principais duas entrevistas orais.³ Nesse sentido, o procedimento de análise baseou-se na abordagem qualitativa, prezando não por um grande número de entrevistas, mas sim pelos detalhes fornecidos pelas entrevistadas. Portanto, atentando-se aos comportamentos, experiências de vida, expectativas e desafios que envolvem as práticas travestis, utiliza-se como forma de identificar esses elementos os parâmetros e técnicas da história oral. De acordo com Paul Thompson, a história oral consiste em um método investigativo e pode ser definida como uma “interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências” (THOMPSON, 2002). Além disso, a utilização da história oral proporciona um trabalho investigativo de problematizações, pois relaciona as vivências relatadas pelo entrevistado ao contexto mais amplo no qual ele está inserido.

¹ A cidade de Ituiutaba é um município do interior do estado de Minas Gerais. Sua população em julho de 2019, de acordo com a estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), era de 104.671 habitantes. Disponível em: <www.ituiutaba.mg.gov.br>. Acesso em: 27 abr. 2020.

² Essas entrevistas foram coletadas por meio da organização prévia de roteiros. Foram realizadas nos dias 31/05/2018 e 12/07/2019. Está contido nesses roteiros um breve discurso livre de apresentação dos indivíduos entrevistados, no qual eles destacam aspectos gerais de suas experiências (data e local de nascimento, breve trajetória de vida: onde estudou, onde mora, onde nasceu, trabalho, relacionamentos, família, etc.). Os roteiros de entrevistas foram estruturados de forma a atingir os objetivos da pesquisa e coletar informações que possibilitaram tornar inteligíveis as práticas e representações das travestis.

³ Como forma de preservar a identidade das entrevistadas optou-se por substituir todas as informações que pudessem revelar características de sua identidade. Assim, para se referir a elas, utiliza-se nessa pesquisa os nomes fictícios de Aurora Bertolina e Doroteia Ridel.

A análise realizada dos depoimentos coletados levou em consideração a busca pela compreensão das histórias e a forma como as travestis se percebem e se constituem no tempo. Nesse sentido, as categorias *espaços de experiência* e o *horizonte de expectativa* tonam-se úteis para este estudo. Como afirmado por Reinhart Koselleck “a experiência é o passado atual, no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional, quanto as formas inconscientes de comportamento [...]” (KOSELLEC, 2006, p.309.). Portanto, na forma como cada indivíduo lidou com suas experiências e anseia por suas expectativas, constitui-se uma relação com o tempo histórico. No que diz respeito à categoria de *horizonte de expectativa*, o autor a entende como um espaço voltado para o ainda não experimentado, para o que apenas pode ser previsto e ansiado. Essas categorias históricas de análise permitem abordar a história sob a perspectiva das experiências vividas e das expectativas dos indivíduos.

Na perspectiva aqui adotada, compreende-se as experiências travestis relacionadas ao tempo e à realidade social da cidade de Ituiutaba, que a todo momento é pensada e construída por esses sujeitos. A partir disso, entendendo que as percepções do social não são discursos neutros, utiliza-se das categorias de *práticas e representações* de Roger Chartier. O autor define representação como um instrumento pelo qual um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, constrói significados sobre o mundo social. No que diz respeito ao conceito de práticas, o autor o define como modos de agir carregados de intencionalidade e que correspondem a interesses específicos. Nesse sentido, de acordo com Chartier, é por meio das práticas sociais que os indivíduos constroem e representam seus interesses. Assim, essas categorias tornam-se úteis para tornar inteligíveis as formas simbólicas e discursivas que as travestis utilizam para se afirmarem e se construírem.

Diante disso, a primeira parte deste artigo, intitulada *Por baixo de cabelos e maquiagem: a revelação da identidade travesti*, buscou analisar e compreender as principais mudanças corporais e identitárias das travestis entrevistadas. Na segunda parte do artigo, intitulada *Análise da trajetória na prostituição: do primeiro contato à prática cotidiana*, pretendeu-se compreender como se deu a entrada das entrevistadas na prostituição. Por fim, a última parte deste artigo, intitulada *Para além da prostituição: as expectativas e representações de um futuro travesti*, pretendeu-se compreender como as travestis entrevistadas se entendem no presente e anseiam por seus futuros.

Por baixo de cabelos e maquiagem: a revelação da identidade travesti

A compreensão dos processos que envolvem as mudanças corporais possibilita o entendimento de elementos que constituem a cultura e a identidade travesti. Nesse sentido, esses indivíduos passam por uma variedade de processos identitários para se construírem e se representarem enquanto femininos. Dessa forma, para além de cabelos e maquiagens, tanto Doroteia quanto Aurora utilizam-se de hormônios, implantes e próteses para satisfazerem seus desejos de obter corpos femininos.

Por meio da fala das entrevistadas, é possível perceber que um dos primeiros passos para a construção de corpos femininos é a utilização de hormônios.⁴ Na experiência de Aurora, o contato com o medicamento deu-se por recomendação de outras travestis e pelo desejo de obter curvas femininas. As relações de amizade estabelecidas por ela favoreceram, em certa medida, a tomada da decisão e o acesso ao medicamento, pois, de acordo com ela, foram as amigas que falaram: “[...] você toma hormônio? Eu respondi que nunca tomei, e elas me disseram: Você vai tomar e você vai notar que seu peito vai crescer. Aí eu fui com elas. Era aquele anticoncepcional para mulheres.” (BERTOLINA, 2019).

Segundo relatado, o medicamento era comprado em qualquer farmácia e administrado pelo farmacêutico. Conforme descrito no fragmento acima, o medicamento era um anticoncepcional feminino e que agia muito rápido em seu organismo. Entretanto, Aurora aponta que o remédio a prejudicou muito pois ela “[...] ficava muito irritada, dependendo do que a pessoa me falava eu chorava ou eu ficava muito irritada e brigava e xingava todo mundo. Eu comia muito e eu falei: Não, isso não é para mim. Eu tomei mais ou menos, umas cinco ou seis vezes.” (BERTOLINA, 2019).

No caso de Doroteia, suas modificações corporais também se iniciaram pela administração de hormônios. Como retratado, o medicamento contribuiu para a obtenção e definição de suas curvas, porém depois de muitos anos fazendo uso, ela percebe que “[...] chegou um momento que começou a me fazer mal! Eu comecei a perder a respiração, a ficar com o coração disparado demais, aí larguei de

⁴ Don Kulick, realiza um levantamento importante sobre a quantidade, venda e formas de utilização desses comprimidos, apontando que “Existem cerca de vinte medicamentos à base de hormônios no mercado brasileiro. As embalagens desses medicamentos trazem a advertência inequívoca, em letras brancas sobre fundo vermelho: “venda sob prescrição médica”. As bulas contêm informações sobre os riscos, além de trazer avisos de que o produto só deve ser utilizado sob orientação médica. Ver mais em: (KULICK, 2008. p. 84.)

mão.” (RIDEL,2018). Na maioria das vezes, é comum encontrar entre os estudos que se dedicam ao tema as reclamações das travestis relacionadas ao fato de que o uso do medicamento causa náuseas, dores de cabeça, palpitação e ganho de peso. Como exposto por Marcos Benedetti, além dos efeitos físicos e comportamentais, os principais sintomas colaterais relatados pelas informantes parecem ser “retenção de água pelo organismo; diminuição do apetite sexual e da possibilidade de ereção; propensão a varizes; apatia; pouca disposição física”. (BENEDETTI, 2005, p. 78).

Mesmo com todas as implicações e contraindicações, nota-se que o uso de hormônios pelas travestis é valorizado porque, na maioria das vezes, eles custam pouco, são de fácil obtenção e funcionam de forma rápida. Entretanto, como mencionado por Kulick, a utilização de hormônios em alguns casos “estabelece uma espécie de linha divisória entre as travestis de verdade e o que as travestis chama de ‘transformistas’”.⁵ Na realidade das entrevistadas com que tive contato nesta pesquisa, não é possível identificar falas que apontam claramente para a associação da utilização de hormônios com uma identidade travesti. Pelo contrário, tanto Aurora quanto Doroteia valorizam a autoidentificação dos indivíduos com a cultura travesti muito mais do que propriamente a utilização de hormônios. Assim, os fatores anatômicos e fisiológicos que costumam classificar e categorizar as travestis e *trans* não se aplicam nas concepções das entrevistadas.

Marcos Benedetti argumenta que, seguindo a lógica do grupo por ele estudado, as travestis são aquelas que “promovem modificações nas formas do seu corpo visando deixá-lo o mais parecido possível com o das mulheres [...]. Em contraste, a principal característica que define as transexuais nesse meio é a reivindicação da cirurgia de mudança de sexo” (BENEDETTI, 2005, p.18). Diferentemente da realidade analisada pelo autor, Aurora e Doroteia apontam que *ser travesti* ultrapassa as barreiras de montagem do corpo, aplicação de silicone e usos de hormônio, mas envolve questões subjetivas e internas. Portanto, reforçando o que foi mencionado, na experiência das informantes a diferenciação dos termos *trans* e travesti age por meio da autoidentificação muito mais do que por atribuição.

Outro passo que costuma ser muito importante no processo de revelação do sujeito travesti é a escolha do nome. É possível perceber, com base no material coletado nas entrevistas, que o nome

⁵ O autor classifica que as transformistas são homossexuais masculino que durante o dia se comportam como homens, mas que a noite se vestem como mulher, seja para frequentar boates gay seja para se prostituir. Ver mais em: (KULICK, 2008, p. 83.)

atua como um elemento simbólico e que atribui a Aurora e Doroteia o pertencimento de seus anseios ao campo do feminino. Como expressado por elas, um momento marcante em suas trajetórias foi a associação de seus corpos com seus nomes femininos. Esse momento é lembrado por Aurora na entrevista, com muito entusiasmo “Eu nunca esqueço a primeira vez que eu saí e conheci um rapaz e ele falou o meu nome: Aurora. Ah, mas eu achei tão bom.” (BERTOLINA,2019). Nota-se assim, que em certa medida, a aceitação do seu nome pelos demais segmentos sociais, determina simbolicamente seu ingresso em uma identidade social relacionada ao feminino.

Pode-se observar nas trajetórias representadas pelas informantes que a escolha dos nomes atua como um ritual de passagem entre as travestis. Tanto Aurora quanto Doroteia, tiveram seus nomes escolhidos em conjunto com suas amigas travestis. No caso de Aurora, no início de suas transformações, ela já havia escolhido a forma como queria ser chamada, entretanto a escolha foi alterada por recomendação de sua amiga:

No começo eu falava que meu nome era Alasca. Eu não entendia o porquê. Aí eu tinha uma amiga que morava na mesma rua que eu [...]. Ela me deu umas roupas lindas e eu tirando foto e ela falou: Nossa você tem nome de Aurora! Aurora é o seu nome! Eu falei: Nossa, eu amei esse nome! É o meu nome, esse é o nome que eu quero para a minha vida! Aí foi, Aurora pegou. (BERTOLINA,2019).

Doroteia também expõe a ajuda de uma amiga para a escolha de seu nome “[...] ela chegou e falou assim: cê tem cara de chamar Doroteia. Eu falei: gente mas Doroteia é nome de cachorro. Ela por isso mesmo e foi e ficou e eu deixei. Aí todo mundo me chamando de Doroteia e ficou”. (DOROTEIA,2019). Assim, com base nos fragmentos apresentados, parece haver entre as travestis um reconhecimento entre o grupo no momento de escolha dos nomes. Conforme a experiência de Aurora e Doroteia, elas passam a ser reconhecidas por outras travestis ao terem seus nomes delegados por amigas do meio.

Um aspecto que comumente costuma estar presente no processo de revelação das identidades travestis é a aplicação de próteses e silicões. Esse tipo de material é geralmente utilizado pelas travestis para trazer formas e definições para suas curvas. O silicone pode ser aplicado em praticamente todas as regiões do corpo e é valorizado por esses indivíduos porque tem efeito imediato e proporciona formas que não se atingem somente com o uso de medicamentos hormonais.

Doroteia possui duas aplicações de silicone: uma nos seios e a outra na região dos glúteos. A aplicação nos seios foi feita por meio de cirurgia plástica e aplicado por médico especializado. De acordo com ela, foi um procedimento muito dolorido e do qual ela se arrepende. Já a aplicação na região dos glúteos, foi realizada por uma *bombadeira*⁶ no estado de São Paulo. Doroteia expõe que o procedimento foi tranquilo e que não teve nenhum receio em realizá-lo. Ao ser questionada se a aplicação do silicone valorizou seu corpo e se agregou um maior interesse dos homens, ela responde:

[...] isso aqui é estético, é para gente se sentir bem! Homem não importa com isso [...] hoje em dia homem quer saber de outra coisa. É um complemento a mais porque o homem tem o fetiche por ser uma mulher com um pênis. Então tem peito, tem bunda bonitinha, redondinha, mas falar que eles gostam. É muito raro os homens que gostam. Eles gostam mais é de pênis! É isso que eles gostam! (RIDEL, 2018).

Nota-se que o uso do silicone foi realizado por Doroteia como uma forma de ela se sentir bem com sua aparência. É possível observar que, em sua experiência, a aplicação do silicone não gerou um maior interesse dos homens pois, como retratado, os homens não estariam interessados em alguns atributos femininos de seu corpo, mas na fantasia da experiência com uma mulher com pênis.

No caso de Aurora, ela declara em entrevista que não sente necessidade em aplicar silicone para realizar suas transformações. Ela afirma estar satisfeita com suas curvas e definições. A satisfação de Aurora pode, em certa medida, estar relacionada com o fato de seu corpo possuir um grande reconhecimento, quanto aos atributos femininos, pelos demais segmentos sociais. Como exposto por ela, desde sua infância os médicos alertavam seus familiares sobre a possibilidade de possuir muito hormônio feminino em seu organismo: “toda a vida eu fui sempre diferente. Um short que os meninos vestiam, em mim ficava torando e apertado por ter muita perna e muita bunda, era diferente. Então isso me favoreceu para a transformação, demais!” (BERTOLINA, 2019).

Outro motivo que pode estar relacionado com a ausência de silicone no corpo de Aurora é o fato de não haver na cidade de Ituiutaba nenhuma *bombadeira*, ou seja, nenhuma pessoa que realize o procedimento de *bombar*. Além disso, por mais que a aplicação de próteses cirúrgicas esteja se tornando comum, ainda hoje o procedimento costuma demandar um grande investimento financeiro. A consciência dos riscos que a aplicação do produto pode gerar à saúde é mais uma das razões que pode

⁶ Conforme exposto por Benedetti, *bombadeira* é o nome utilizado pelas travestis para nomear o indivíduo que aplica o silicone. *Bombaderia* vem do termo *bombar*, que representa o ato de injetar silicone. Ver mais em: (BENEDETTI, 2005, p. 81.)

estar relacionada à ausência de silicone em Aurora. Mesmo no caso de Doroteia, que já possui aplicação de silicone industrial,⁷ ao ser questionada se pretende realizar mais alterações e procedimentos, ela afirma estar satisfeita com seu corpo. Em entrevista, ela relembra o caso da amiga que teve complicações devido ao uso do produto: “essa amiga teve pneumonia duas vezes. Na época ela tinha colocado um silicone não sei se foi na bunda ou no peito e parece que o silicone deu uma vazada para o pulmão. Aí foi onde ela teve problema e acabou falecendo” (RIDEL, 2018).

Após realizarem suas modificações corporais e conseguirem, dentro do possível, associar suas vontades femininas com sua aparência, Aurora e Doroteia passam a estabelecer um novo sentimento com suas roupas e com seus corpos. No caso de Aurora, ela aponta que se sente muito melhor com as novas roupas e que gosta de realizar uma caracterização do feminino de forma sensual, fazendo o uso de vestimentas bem curtas e extravagantes.

A partir dos relatos realizados pelas informantes, é possível perceber que elas moldam seus corpos e identidades buscando sentirem-se mulheres. Entretanto, o feminino percorrido no processo de construção parece não abdicar completamente das características masculinas. Tanto Aurora quanto Doroteia evidenciam que, na maioria das vezes, o masculino é revisitado em suas relações sexuais. Ao ser questionada sobre o interesse que os homens têm em seu corpo, Aurora responde que: “Acho que tem interesse porque parece uma mulher, que não é mulher e tem um pênis e eles gostam, eles querem aquilo, é uma coisa diferente. Eu sempre falo que é diferente.” (BERTOLINA, 2019). Em outro momento, ela revela que a maioria de seus parceiros sexuais a procuram para que ela exerça a posição de ativa e dominante no sexo. Dessa forma, ela expressa a necessidade de se utilizar de seus artifícios e características físicas masculinas, como por exemplo a utilização de seu pênis para penetrar no parceiro. Doroteia também argumenta que o que chama a atenção em seus parceiros é a fluidez dos seus atributos femininos e masculinos e a forma como representa esses aspectos em seu corpo e em suas práticas. Conforme narrado por ela:

Homem geralmente procura travesti pelo tamanho do pênis. A que tiver o pênis maior interessa mais para ele, não importa se é bonita, se é preta se é branca, se é loira se é morena, eles gostam de travesti assim. E se a travesti for feminina e tiver um pênis grande, melhor ainda! Ai que é uma maravilha para eles! (RIDEL, 2018)

⁷ Não é possível afirmar com certeza que espécie de produto Doroteia tem em seu organismo. Entretanto, de acordo com Benedetti, o silicone que geralmente é aplicado para modelagem do corpo é denominado de *lujol*, uma espécie de óleo mineral produzido para usos mecânicos. Ver mais em: (BENEDETTI, 2005, p. 83.).

Dessa forma, o feminino construído e concebido pelas entrevistadas é um feminino que não tem interesse em se igualar a uma mulher. Pelo contrário, é um feminino que se monta entre a fluidez dos sexos e que, na maioria das vezes, é evocado (seja o masculino ou o feminino) de acordo com cada contexto e situação.

Benedetti aponta que o gênero das travestis se pauta em um feminino travesti. Esse feminino é negociável, reconstruído e ressignificado. Como argumentado pelo autor,

Um feminino que se quer evidente, mas também confuso e borrado, às vezes apenas esboçado. O feminino das travestis é um constante jogo de estímulos e respostas entre o contexto específico de determinada situação e os sentimentos e concepções da travesti a respeito dos domínios de gênero. É o feminino travesti. (BENEDETTI, 2005, p.96)

Em perspectiva semelhante, Joan Wallach Scott apresenta que a categoria *gênero* é utilizada para designar as relações sociais entre o masculino e o feminino. Segundo essa definição, gênero é “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (SCOTT, 1995, p7). Portanto, a construção do feminino realizado por Aurora e Doroteia é compreendida a partir de uma lógica variável e combinatória de práticas e valores tanto masculinos quanto femininos.

Diante do exposto, nota-se que à medida que Aurora e Doroteia tornam mais visíveis seus atributos femininos, as relações com seus familiares e com a sociedade tornam-se mais complicadas e instáveis. Relegadas ao campo do estigma, elas buscam na prostituição formas de sobreviver e de ter seus corpos e identidades aceitos.

Análise da trajetória na prostituição: do primeiro contato à prática cotidiana

O contato das travestis com a prática da prostituição pode ocorrer de diferentes formas e por diferentes motivos. Em alguns casos, à medida que as modificações corporais e identitárias tornam-se mais aparentes, elas acabam sendo expulsas de casa ou abandonam as residências familiares por livre escolha. Em outras situações, o contato com a prática ocorre devido à curiosidade e interesse das travestis em ter sua primeira relação sexual. Esse contato pode se dar ainda por meio de relações com travestis mais velhas e experientes e às vezes pela proximidade com possíveis namorados e clientes. Entretanto, é necessário ressaltar que as experiências desses sujeitos não são passíveis de generalização. Existem exceções em que as travestis não recorrem ao mercado do sexo ao longo de suas trajetórias e encontram outras formas de apoio para sobreviverem e se afirmarem.

As relações sociais estabelecidas pelos indivíduos, em alguns casos, acabam ajudando a aperfeiçoar e a completar o seu ser feminino. O contato de Aurora com a prostituição é impulsionado, de certa forma, por uma experiência negativa com seu namorado e por uma procura dos homens pelo seu corpo. Como mencionado, após uma briga que gerou o fim de seu relacionamento, a curiosidade pela prostituição tornou-se mais forte. Ela expõe ainda que partir do momento que suas transformações se tornaram mais aparentes os homens começaram a ter um interesse e um desejo, sempre que a viam caminhando na rua,

[...] eu sempre fui de andar bastante e sai sempre bonita. Isso meio que despertava muito interesse, só que quando os homens me paravam e me procuravam na rua eu falava que não fazia programa e que jamais faria. Um dia eu estava subindo a rua sozinha e eu topei duas travestis, uma chamava Marcelinne e a outra é a Doroteia.⁸ Elas me toparam e falaram assim: Nossa você tem um corpo muito lindo! Você não tem vontade de ir para a avenida⁹, trabalhar? Eu falei: fazer o que, trabalhar na avenida? O que tem que fazer, como é que é? Porque eu não entendia. Falei que não tinha interesse porque eu tinha até namorado, mas que qualquer dia desses eu ia lá para conversar (BERTOLINA, 2019).

Diante disso, percebe-se que, na experiência de Aurora, um dos fatores que a levou para a prostituição foi sua curiosidade em entender como a prática funcionava. Desse modo, somando a experiência ruim de seu relacionamento com o seu interesse cada vez maior de entender a dinâmica do trabalho na *avenida*, Aurora decide entrar em contato com as travestis. A ida ao ponto de prostituição para entender como o trabalho funcionava é por ela descrita da seguinte forma:

Toda hora elas entravam em um carro. E os caras me chamando e eu escondia de vergonha. Eu era uma criança, tinha uns dezesseis anos. Eu não entendia. Como eu briguei com esse namorado meu e a gente separou e de tanto eu ir para a avenida, um dia veio um rapaz, que foi meu primeiro programa. Ele era muito lindo! Ele perguntou: Vamos? E eu falando não, não vou não! Acabou que eu fui. Nunca tinha entrado em um motel, aí aconteceu e foi muito bom e aí eu ganhei dinheiro por isso, eu pensei: transar e ganhar dinheiro é muito bom! (BERTOLINA, 2019).

De acordo com as falas de Aurora, é possível inferir que outro motivo que a levou para a prostituição pode estar relacionado com a busca por afeto e a necessidade de sentir seu corpo e identidade aceitos. Como relatado, no início de sua trajetória na prostituição,

⁸ No início de suas transformações, Aurora tinha uma amizade com Doroteia. Foi ela quem deu as dicas e ensinou as estratégias para trabalhar com prostituição

⁹ Algumas travestis utilizam a expressão *ir para a avenida* para se referir à prática da prostituição.

Os clientes, começaram a querer sair comigo e eu escolhia os clientes. Eu não ia com qualquer homem que eu não achasse bonito. Eu comecei a me ver, nossa! Você ganha dinheiro e compra as coisas. Eu tinha essa amiga travesti que falava que era minha mãe. Ela morava com a mãe dela e a mãe dela comprava roupa e calçado, toda semana ela comprava roupa. Eu comecei a comprar roupa, sandália, salto, calçado e gostar daquilo. Quando mais linda eu ficava, mais eu ganhava dinheiro e mais eu era reconhecida pelos clientes (BERTOLINA, 2019).

Com o fim do relacionamento e com a procura cada vez maior dos clientes, ela vê nessa prática uma estratégia para ter sua identidade aceita de alguma forma pelos demais segmentos sociais. Nesse contexto, estratégia significa a ação de Aurora dentro de um mundo gerido por poderes visíveis e invisíveis de um “outro”. Como definido por Michel de Certeau, estratégia é o “calculado (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolada” (CERTEAU, 2007, p. 99). Dessa maneira, a prostituição pode representar para Aurora uma forma de afirmar sua identidade diante da sociedade.

Assim como na experiência de Aurora, Doroteia também é motivada por uma amiga a iniciar na prostituição. Em entrevista, ela relembra seu primeiro contato com a prática:

Quando eu entrei na prostituição foi assim, foi uma amiga minha travesti. É sempre assim. Uma vai puxando a outra e vai indo. Essa amiga minha que falou vamos, vamos montar, vamos se vestir de mulher. A primeira vez que eu me vesti de mulher, parecia um dragão! Um cão chupando manga! Me montei, foi até no dia que ela me levou ganhei dinheiro mais que elas todas, ela ficou até com raiva, não queria que eu fosse mais. Novidade! Porque geralmente é assim, quem vai aparecendo mais novo, cliente vê e fica louco, porque está vendo que é carne nova, que é novidade já quer sair, quer experimentar, coisa nova né! Porque nem todo mundo gosta de comer arroz e feijão todo dia, então quer novidade e foi assim que eu entrei, por uma amiga. (RIDEL, 2018)

Diferentemente de Aurora, que faz sua entrada na prostituição com dezesseis anos, Doroteia tem o contato com a prática a partir dos seus dezoito anos. Ao ser questionada a respeito dos motivos para a entrada na prostituição, ela argumenta que “a questão da prostituição não é uma escolha. É o que a sociedade te empurra [...] como aqui é uma cidade pequena, a mentalidade das pessoas é muito pequena, não tem muito espaço de serviço. A prostituição é a única válvula de escape que a gente tem” (RIDEL, 2018).

O ingresso de Doroteia no mercado sexual foi, em alguma medida, a forma encontrada para sobreviver e conseguir ganhar dinheiro. Como exposto no fragmento, ela encontra muitas dificuldades

em arrumar outro emprego e quando consegue, os salários costumam ser baixos. Ela declara que trabalhou na prefeitura de Ituiutaba por um determinado período e que apesar de ganhar menos gostava do emprego pelo fato de que,

[...] o dinheiro da prefeitura rendia mais do que a da prostituição. Não sei se é porque era um esforço que se via que se trabalhava o mês inteiro para naquele final do mês você receber aquele salário, prostituição não! Todo dia que você vai, ganha um dinheiro, nem que seja cinquenta, cem, cento e cinquenta.... Nem que seja dez! Mas alguma coisa se ganha. Você acomoda com aquilo, se sabe que todo dia se vai ganhar, então você sai gastando, gastando, gastando... é diferente. (RIDEL, 2018).

Doroteia argumenta que preferia seu emprego temporário ao trabalho na prostituição e revela também que, se tivesse outra oportunidade, deixaria a prostituição pelo fato de que,

[...] vai chegando um tempo que você vai cansando, vai desgastando, você vai vendo como que é o mundo da prostituição. Porque para quem tá de fora acha que a prostituição é mil maravilhas. Ah! Você vai ganhar dinheiro, você vai transar com todo tipo de homem, mas não é assim! Tem os prós e os contras também. É complicado, prostituição é complicado. (RIDEL, 2018).

Com base na experiência das entrevistadas, nota-se que o contato com a prostituição não foi motivado somente por uma situação de pobreza. Para elas, a prostituição parece representar uma forma de resistência às normas sociais, uma maneira de fugir dos padrões impostos sobre o masculino e o feminino. Tiago Duque argumenta que em alguns casos a prostituição pode significar uma forma de negação dos paradigmas da normalidade (DUQUE, 2018, p.494). Nesse sentido, o contato com a prática foi uma das formas encontradas por Aurora e Doroteia para exercerem seu gênero e inserirem seus anseios e desejos no campo social.

Diante do exposto, é possível pensar em alguns elementos que configuram a organização do cotidiano na prostituição. Geralmente, as travestis consideram a prostituição como uma forma de trabalho. Elas costumam envolver nessa terminologia de trabalho as roupas utilizadas à noite nas *avenidas* e até mesmo um vocabulário próprio. Aurora e Doroteia utilizam-se da palavra *prostituta* para se referirem a si mesmas, denominam os homens que compram seus serviços sexuais de *clientes*, utilizam a palavra *programa* para se referirem aos serviços prestados e denominam os espaços de prostituição de *zonas* ou *avenidas*. Quanto à caracterização das roupas, elas apresentam estilos diferentes. Doroteia argumenta ter um estilo mais básico e menos extravagante,

Eu sou assim, super da básica, porque geralmente quando você vai fazer programa, logicamente que o cliente gosta de travesti arrumada, bonita e tal, mas tem vez que o cliente não gosta que se passa perfume, porque as vezes o perfume pode ficar e chegar em casa a mulher pode descobrir. Não gosto de usar roupa pelada, não gosto de ficar mostrando bunda, mostrando peito nem nada, geralmente eu trabalho de shortinho de salto ou vestido, mas tudo tampado! Nada com a bunda e o peito de fora, eu não gosto! (RIDEL, 2018).

Aurora, por sua vez, aponta que prefere um estilo mais sensual e ousado, “eu por exemplo, gosto de estar sempre bem vestida, sempre cheirosa, sempre perfumada, sempre bonita e arrumada e os clientes gostam bastante” (BERTOLINA, 2019). Ressalta ainda, que gosta de “usar roupa sensual, gosto de estar sempre bem sensual é uma coisa minha” (BERTOLINA, 2019).

As entrevistadas declaram apresentar estilos próprios e maneiras singulares de se portarem. Entretanto, parece haver uma valorização de travestis que se constroem e atingem determinados padrões de beleza. Doroteia relembra a respeito de sua amiga que, de acordo com ela, era a travesti mais bonita que existia na cidade: “era peituda, bunduda, pernuda, narizinho, loira, cabelo lá na bunda! Lindo, lindo, lindo! Humilde!” (RIDEL, 2018). Como argumentado por Duque, na maioria das vezes, as travestis valorizam outros indivíduos que se constroem como “uma verdadeira europeia, a categoria êmica mais valorizada no meio travesti por denotar sucesso, enriquecimento e sofisticação” (DUQUE, 2018, p.492). Essa categoria envolve muitos dos elementos citados por Doroteia, como cabelos loiros e traços finos, e em certa medida representa os objetivos que ela busca alcançar em suas transformações.

Outra característica que configura a prática da prostituição diz respeito ao valor dos serviços oferecidos. Parece haver entre as travestis um padrão estabelecido no preço do *programa*, como demonstrado por Doroteia:

Quando eu comecei a fazer programa naquela época lá atrás, que eu estou na prostituição já tem o quê? Quase dez anos! O programa era dez oral e vinte completo. Ai com o tempo a gente foi mudando. Hoje a gente passou cinquenta reais o oral e cem o completo. Aí varia, já fiz programa de cem, cento e cinquenta, de duzentos, de quatrocentos, varia! Que tem cliente que se pega que quer que se fique duas, três horas com ele, aí se vai cobrando por hora (RIDEL, 2018).

Mesmo existindo um certo valor estabelecido entre as travestis, esse padrão pode sofrer algumas variações dependendo do contexto e da condição que elas jugam que o cliente pode pagar, da

necessidade que têm do dinheiro e da atração sentida em relação ao cliente. Doroteia informa que nos dias em que não está disposta para o trabalho o valor do *programa* pode aumentar:

[...] quando eu estou com ranço eu vou embora, eu dispenso o programa no meio do caminho, de lá na Napoleão Faissol pra cá. Aí eu tacho um valor absurdo pro cliente não ir. Mas já chegou do dia de eu não querer fazer programa, de eu tacho um valor absurdo e o cliente falar: não, vamos, eu vou pagar! E eu: vamos então! Que o valor era absurdo, compensava né?! Então vamos e aí você já anima mais um pouco! (RIDEL, 2018).

Conforme relatado pelas informantes e com base nas observações realizadas dos espaços urbanos, parece haver duas *zonas* de prostituição com maior concentração de travestis. Uma localizada no cruzamento da avenida Dezesete com as ruas Dez e Doze e outra na avenida Napoleão Faissol. O trânsito e permanência de travestis nesses espaços costumam ser controlados por aquelas que estão há mais tempo no ramo. Doroteia, ao ser questionada sobre sua atuação nas *zonas*, informa que

[...] particularmente posso trabalhar onde eu quiser dentro de Ituiutaba. Aonde eu quiser! Eu não tenho restrição, não tenho quem me impeça. Mas eu trabalho aqui na Napoleão Faissol porque é mais perto da minha casa. Esse é um ponto de travesti bem mais antigo e que hoje nem vão lá mais. Aí foi mudando, foi mudando e as travestis mais nova ficou e eu fico aqui (RIDEL,2018).

No caso de Aurora, ela afirma que quando iniciou na prostituição também trabalhava na Napoleão Faissol, porém,

[...] aconteceu das outras travestis implicarem porque os clientes me esperava sair de um programa para sair comigo. Nisso, ninguém ganhava. Só eu estava ganhando, então elas acharam aquilo estranho, até que surgiu a máfia de começar a discutir, brigar e me tirar da avenida. [...]. Elas mesmas entre elas se uniram para me tirar de lá. E me levou para que? Quando no começo você é bobinha elas querem ter uma amizade, quando você não é tão bonita você serve para fazer companhia, depois que você fica linda, maravilhosa e você está ganhando o seu elas implicam! E não queriam aceitar eu lá de forma alguma! Aí eu fiquei na minha. Mas eu falei: eu aprendi a fazer isso, agora eu não vou parar. Eu fiz um ponto só para mim (BERTOLINA, 2019).

Nesse sentido, mesmo as entrevistadas afirmando que na cidade não existem *cafetinas*¹⁰ e que “em Ituiutaba a gente é autônoma, cada uma ganha seu dinheiro e pronto!”(RIDEL,2018), parece

¹⁰ Conforme explicado por Doroteia, *cafetinas* são mulheres que se intitulam donas da rua e cobram diária das travestis para poder trabalhar. De acordo com ela, essas mulheres prometem proteção e amparo em troca de dinheiro. Doroteia descreve que já trabalhou em Ribeirão Preto, em São José do Rio Preto, em Piracicaba e em Uberaba. Todos esses lugares tinham a presença da cafetina. Conforme narrado, os valores desses aluguéis variam entre vinte e setenta reais e, além disso, são cobradas outras tarifas, como energia e água.

existir uma certa hierarquia que determina quem pode e quem não pode trabalhar nos espaços. A posição ocupada pela travesti nessa organização, em certo ponto, depende da relação estabelecida com as travestis mais velhas, do grau de amizade e de certa forma pelo nível atingido nas modificações corporais. Como demonstrado por Aurora, à medida que suas transformações se aproximaram de atributos femininos e atraíram cada vez mais os olhares dos clientes, isso gerou um maior atrito com as demais travestis.

Além dos pontos de prostituição de rua, as travestis dispõem de outras formas para anunciarem seus serviços. Aurora e Doroteia fazem uso do espaço virtual oferecido pelo site *Fatal Model*¹¹, o qual oferece campos de busca e diferentes tipos de filtros, sendo possível escolher a cidade e a preferência sexual (mulheres, *transsex*, homens). As entrevistadas oferecem seus serviços no espaço destinado às *transsex*. Ambas possuem perfis nessa rede social, nos quais constam informações como valor do *programa* e tipos de serviços oferecidos. De acordo com Aurora, os clientes que a procuram pelo site são,

[...] pessoas que gostam mais de discricção. Pelo site são as pessoas que são mais discretas que veem a foto e querem só uma foto para comprovar se realmente sou eu. Ai já marca, ou eu vou até o motel, ou me passa e me pega, ou eu atendo na minha casa, no meu local que eu moro sozinha não tem importância de cliente ficar indo na minha casa (BERTOLINA, 2019).

Doroteia também faz uso do site, porém ela desenvolveu determinadas estratégias e utiliza o espaço com muita cautela,

Geralmente tem um anúncio na internet, que é um anuncio de garota de programa. Então ali tem seu perfil, tem suas fotos, a descrição do que você faz, do que você não faz, o valor do programa ele explica, confirma onde é, marca e vai. Eu geralmente para mim sair com cliente, ele me liga e eu só saio com ele a hora que ele me falar que tá no motel no quarto tal. Aí eu levanto, tomo banho, arrumo e ainda faço eles esperar! Levanto, arrumo, maquio e subo! Mas se falar assim, não pode se arrumando que eu estou no caminho, já tô indo. Não arrumo! Que eu já cansei de me arrumar e ficar esperando até. Estou esperando até hoje! (RIDEI, 2018).

É possível perceber que Aurora e Doroteia utilizam o site como forma de complementar seu trabalho, mas grande parte de seus serviços e encontros ainda acontecem nas ruas e avenidas.

¹¹ FATAL MODEL. *Fatal Model*, 2020. Ementa (O site Fatal Model disponibiliza a plataforma para que acompanhantes possam divulgar seu trabalho. Vale lembrar que o conteúdo do anúncio é de responsabilidade do anunciante e que o Fatal Model é apenas uma rede social.). Disponível em: <<https://fatalmodel.com/>>. Acesso em: 04, maio 2020.

Conforme mencionado por elas, suas fontes de renda ainda são resultantes predominantemente do trabalho na avenida.

As entrevistadas relatam não haver uma rotina muito definida no trabalho com a prostituição. Doroteia afirma que ela mesma faz seus horários e define os dias de trabalho, considerando que a prostituição é

[...] muito relativa, porque tem muitas pessoas que acham que você só faz programa a noite, não! Às vezes cê tá dormindo e o telefone toca, é cliente querendo, aí se levanta vai. Às vezes quando eu faço muito programa durante o dia, a noite eu nem saio de casa eu fico em casa, então isso varia. Eu vou dia que eu quiser, se eu falar hoje eu não tô a fim eu fico em casa, não saio, não vou! (RIDEL,2018)

Aurora aponta que, por um determinado período, trabalhou como administradora e garota de programa em uma boate. Segundo ela, o trabalho era muito desorganizado e devido a isso preferia trabalhar na rua e por conta própria. Ela ressalta também que trabalhar por conta própria proporciona uma flexibilização em seus horários:

[...] tem dia que eu não quero programa e eu não faço. Tem dia que eu preciso muito e eu vou e tem dia que eu não preciso de sair, mas eu saio porque não tem nada para fazer. Mas antigamente eu era de segunda à sexta, trabalhava todos os dias na avenida, todos os dias! Todo cliente que me ligava eu atendia. Sábado e domingo eu tirava para mim, para mim sair e curtir, mas se sai pra curtir sempre tem um que quer, aí eu acabava indo. Hoje não, quando eu saio para curtir eu saio para me divertir se aparece um cliente, hoje eu não tô atendendo. A gente tem que ter um momento da gente trabalhar e o momento da gente se divertir. (BERTOLINA, 2019).

De acordo com as entrevistadas, elas já foram para várias cidades para trabalharem com prostituição. Entretanto, elas optaram por permanecer em Ituiutaba. Um dos motivos para a permanência está relacionado ao fato de que ambas ajudam financeiramente a seus familiares. Outra razão para a permanência na cidade é que “aqui é calmo, tranquilo e dá para você trabalhar e sobreviver. Então eu prefiro a calma aqui” (BERTOLINA, 2019).

Outro elemento que envolve o cotidiano na prostituição diz respeito aos espaços e locais em que a prática acontece e ao perfil dos *clientes* que buscam pelos serviços. As informantes relatam que os locais são os mais variados possíveis, podendo ser desde motéis a ruas vazias. Doroteia afirma que,

[...] já fiz programa em tudo quanto é lugar que vocês imaginar, mato, motel, casa de cliente, na rua, em cima de capo de carro, em tudo quanto é lugar, não tem isso! Achou uma brecha para ganhar o dinheiro, a gente vai. E o cliente quer fazer o programa, vai também, não tem isso, mas o meu público hoje em dia é mais motel.

Só que hoje em dia eles preferem mais travesti que mora sozinha, que tem local, porque foi passando um tempo eles não têm gostado muito de motel, então se você tem local é melhor ainda (RIDEL, 2018).

Como informado, a grande maioria dos *clientes* optam por travestis que *possuem local*¹² e que moram sozinhas. Uma das razões dessa preferência diz respeito à busca dos *clientes* por discrição e sigilo. Ter *local* também representa uma vantagem para a travesti, pois, como dito por Doroteia, “se você tiver local, você já pode cobrar o seu valor do programa mais o dinheiro do motel incluso” (RIDEL, 2018). Aurora afirma que quando se trata de *clientes*, “tem de tudo! De senhor de idade a novinho de quinze anos” (BERTOLINA, 2019). Doroteia também aponta para uma variedade de perfis, mas ressalta que a grande maioria das pessoas que a procuram são homens casados. As entrevistadas consideram que esse interesse por parte dos homens casados explica-se pelo fato de existir “homem que procura coisa nova, por estar em casa todo dia sendo aquela mesma coisa, a mulher já não se cuida tanto e já está acostumada. Aí chega as travestis que estão sempre bem vestidas e desperta o interesse” (BERTOLINA, 2019). Diante disso, nota-se que o mercado da prostituição é um ramo que chama a atenção e atrai diferentes tipos de pessoas. Doroteia relata que

Tem a procura de tudo! Tem a procura de homem, tem a procura de casal, tem a procura de mulher, porque tem mulher que tem vontade de transar com travesti, tem casal que tem vontade de ver a mulher, o travesti transando com o marido e o marido ver a travesti transando com a mulher, os três fazendo o trem junto. Então a procura é de tudo, é de tudo! (RIDEL, 2018).

As entrevistadas apontam que existe uma grande procura dos *clientes* por travestis que estejam dispostas a fazer companhia e conversar. Alguns *clientes* “só querem companhia para eles usar a droga e ficar conversando. Tem muito cliente que sai com a gente só para conversar, não quer sexo, não quer nada, só quer desabafar sobre o casamento que tá ruim, que a mulher dele tá assim, assado. Tem hora que a gente é mais psicólogo do que garota de programa” (RIDEL, 2018).

Considerando a variedade de pessoas que procuram por seus serviços, Aurora e Doroteia desenvolveram determinadas estratégias para atrair e conquistar os *clientes*. Uma das estratégias utilizadas pelas travestis, está relacionada com a forma como elas se comportam nas *avenidas*. Ao observar a *zona* de prostituição localizada na avenida Napoleão Faissol, é possível notar as diferentes

¹² *Possuir local* é uma expressão utilizada para denominar as travestis que têm sua própria casa e que se utilizam do espaço para realizar seus encontros.

formas de agir e as diferentes *performances* produzidas por elas. Por meio de gestos e expressões corporais, as travestis brincam com os elementos que caracterizam o sexo e elevam suas *performances* de gênero ao extremo do feminino e do sexual. Nesse sentido, de modo a atrair o desejo dos *clientes*, as travestis se comportam de formas provocativas e criam maneiras para conquistá-los e realizarem o *programa*.

Despertado o desejo dos *clientes*, é estabelecido um contrato simbólico com as travestis. Nesse contrato, elas apresentam os serviços oferecidos e fica por conta de o *cliente* aceitar. Como relatado por Dorotéia, no momento em que o *cliente* estaciona o carro inicia-se,

[...] toda uma entrevista. É obrigação do cliente perguntar o que você faz e o que você não faz, para não chegar no motel na hora e não dar problema. Então já pergunta se faz isso, aquilo outro, lá mesmo na avenida! Na hora que eles param de carro já pergunta, você chupa sem camisinha? Não! Você faz sem camisinha? Não! Se não quiser vai embora, então eles automaticamente já têm que perguntar, para não chegar no motel e não ter surpresa, ah, mas você falou que fazia, falou que não fazia. Já aconteceu isso comigo de sair com homem bêbado de marcar uma coisa e chegar no motel e querer outra (RIDEL, 2019).

Aurora, também realiza uma negociação e “antes de fazer o programa, antes de eu tirar minha roupa eu recebo adiantado, primeiro eu recebo e depois eu faço o programa para não ter erro. Tem cliente que fala: mas a gente não fez nada! Mas a gente vai fazer, essa é a minha forma de trabalhar” (BERTOLINA, 2019). Caso o *cliente* quebre o acordo estabelecido no início do *programa*, inicia-se o que as travestis denominam de *escândalos* ou *bafão*. Doroteia expõe que para resolver seus problemas “é na briga, na porrada. E vai, desce o grito!” (RIDEL, 2018). O *escândalo* consiste em uma forma de as travestis exporem publicamente o *cliente* em uma situação constrangedora. De acordo com Kulick, “o escândalo consiste em insultos e ofensas feitos aos berros” (KULICK, 2008, p. 186). Uma situação resolvida por meio do *escândalo* é narrada por Aurora:

[...] aconteceu de eu fazer o programa no escurinho e o cara não queria me pagar e queria me deixar lá. Eu puxei a chave da moto [...]. Esse cara queria pegar a chave da moto, não ia me pagar e também não ia me levar. Peguei e joguei a chave da moto no meio do mato e falei para ele se virar. Falei: você vai me pagar, porque eu sei onde você trabalha e eu vou lá. Ele falou que ia me matar, eu olhei bem pro olho dele e falei: Então vamos ver então, quem mata quem primeiro e eu saí andando. Ele falou que ia me levar e me deu o dinheiro (BERTOLINA, 2019).

Além das estratégias utilizadas para atrair os *clientes*, as travestis costumam utilizar artifícios para se protegerem, seja nas relações sexuais, seja da violência das ruas. Para se protegerem de doenças

sexuais, ambas fazem exames periódicos e realizam suas práticas sexuais com o uso de preservativos. Dorotéia aponta que “até para fazer sexo oral uso camisinha, eu ponho camisinha até para fazer sexo oral e exame de seis em seis meses e pego preservativo nos postos de saúde aqui perto da minha casa” (RIDEL,2018). Os discursos das entrevistadas a respeito dos riscos de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis podem, em certa medida, estar relacionados com agendas afirmativas que buscam conscientizar a respeito dos riscos de práticas sexuais sem proteção. Um objetivo específico do *Plano nacional de enfrentamento da epidemia de Aids e das DST entre gays, HSH e travestis* é “produzir conhecimento sobre representatividade na população brasileira, participação na epidemia de aids, características e vulnerabilidades socioculturais e econômicas e práticas das travestis frente à infecção pelas DST e pelo HIV” (BRASIL, 2007, p.27). As entrevistadas relatam também que são bem recepcionadas nos postos de saúde, entretanto afirmam não haver um tratamento específico para suas demandas. Conforme dito, elas desconhecem a existência de alguma instituição especializada em atender as suas necessidades.

No que diz respeito às estratégias utilizadas para se defenderem de agressões, Aurora ressalta que sempre leva um celular de valor inferior e uma bolsa pequena que carrega próxima ao corpo. Quanto à escolha do *cliente*, ela busca “em qual carro ele está, como ele está vestido. Eu olho tudo antes de pensar e aonde eu vou, eu vou só onde eu conheço, o motel mais perto de onde eu estou. Quando é para eu escolher eu vou sempre no mesmo local, onde qualquer coisa que acontecer eu tenho um resgate mais rápido” (BERTOLINA, 2019). No que diz respeito à utilização de armas, Aurora aponta que “antigamente eu andava até com canivete, mas hoje como é bem proibido, porque é arma branca, não ando com nada assim para me defender. ” (BERTOLINA, 2019). No caso de Dorotéia, é ressaltado que, mesmo algumas travestis levando para rua facas e estiletes, ela particularmente não leva nada, pois considera que “levar arma para a rua, querido é a mesma coisa que você tá se entregando, entendeu?! Porque às vezes vai que você está na rua, arruma briga com a pessoa e com a sua própria arma ela vai e te mata. Então eu não levo! ” (RIDEL,2018).

Mesmo adotando estratégias para se protegerem, as entrevistadas relatam inúmeros casos de agressões e violência cometidos pelos demais segmentos sociais. As agressões costumam acontecer em ocasiões em que o *cliente* se recusa a pagar o *programa* ou que diz ter se confundido com a travesti que se passa por mulher. Aurora descreve um desses casos, “de cliente não querer me pagar, eu estar dentro

do motel e o cliente não queria pagar de jeito nenhum porque achava que eu era mulher. Eu falei assim: Na hora que você está chupando meu pinto, você estava achando que eu era mulher?” (BERTOLINA, 2018). Nessas situações, as travestis costumam recorrer aos *escândalos* para terem seu pagamento realizado. No caso de Aurora, ela afirma: “Vesti minha roupa, abri o frigobar, peguei uma cerveja e dei uma golada nela e meti no espelho do motel e quebrou tudo, peguei um caco de vidro e ele: Você é louca? Você vai pagar! Eu falei: Quero ver eu pagar!” (BERTOLINA, 2018). Na maioria das vezes, os *escândalos* costumam funcionar e os *clientes* acabam pagando o valor do programa.

Outras situações de agressões vivenciadas pelas travestis estão relacionadas com o preconceito por parte dos demais segmentos sociais. Como informado por Doroteia, “já chegou de moleque vim de festa procurar briga, encrenca com uma ou outra e a gente foi defender, já teve um que quebrou meu braço com uma paulada, que eu fui defender uma outra na rua.” (RIDEL, 2018). Esse tipo de situação pode ocorrer, entre outros aspectos, pôr as pessoas associam o corpo e imagem das travestis a uma lógica ambígua que confunde e embaralha as noções de feminino e masculino. Dentro dessa lógica Butler argumenta que,

[...] quando a desorganização e desagregação do campo dos corpos rompe a ficção reguladora da coerência heterossexual, parece que o modelo expressivo perde sua força descritiva. O ideal regulador é então denunciado como norma e ficção que se disfarça de lei do desenvolvimento a regular o campo sexual que se propõe descrever (BUTLER, 2003, p. 194)

Assim, o corpo das travestis expostos nas ruas e avenidas pode representar um incômodo às normas sociais estabelecidas e um rompimento com as noções fixas dos gêneros masculino e feminino. Diante do apresentado, percebe-se que a construção de corpos femininos pode ocasionar em olhares de estranhamentos por parte dos demais segmentos sociais e o contato com a prostituição pode representar, na maioria das vezes, em problemas familiares. Além disso, após muitos anos no mercado sexual, as travestis começam, em alguns casos, a criar novas expectativas, a imaginar e a traçar planos distintos para seus futuros.

Para além da prostituição: as expectativas e representações de um futuro travesti

Com base nas informações apresentadas no decorrer deste estudo, é possível perceber que a construção dos corpos e identidades travestis operam por meio da fluidez dos gêneros masculino e feminino. A montagem ambígua desses sujeitos costuma gerar estranhamento por parte dos demais

segmentos sociais. Duque argumenta que, na maioria das vezes, a presença desses corpos nas ruas pode ocasionar na manifestação de *pânico moral*. O autor entende *pânico moral* como a “identificação coletiva de um fenômeno social considerado ameaçador à coletividade, em especial a seus valores e normas” (DUQUE, 2011, p.26). O conceito foi criado por Stanley Cohen na década de 1960 para caracterizar a forma pela qual a mídia e a opinião pública agiam em relação ao rompimento de padrões normativos. No momento em que esse rompimento atinge o campo das sexualidades passa a ser caracterizado como fenômeno de *pânicos sexuais* (DUQUE, 2011, p.27). Seguindo essa concepção, a manifestação do *pânico sexual* na realidade local de Ituiutaba ocorre, na maioria das vezes, por meio de agressões de sujeitos que sentem curiosidade em entender as dinâmicas dos corpos travestis. Conforme relatado por Doroteia,

Sempre tem um palhaço que vai falar: olha o viado, olha isso, olha aquilo. Isso não é uma coisa que choca mais! [...], mas sempre tem um palhaço que vai fazer graça, mas a gente deixa para lá. Geralmente os que fazem graça é os que vão lá te procurar a noite, entendeu?! Quer fazer graça porque tem alguém perto, algum amigo e quer aparecer. Aí eles começam a fazer gracinha, esses eu guardo bem a cara pra bater no preço um pouquinho melhor. Não brigo! Eu guardo, eu não brigo, eu guardo caras, rosto, tudo! Aí espero o momento certinho (RIDEL, 2018).

Algumas agressões partem de indivíduos que tentam afirmar sua masculinidade e reprimir seus desejos e vontades. Conforme mostra o fragmento citado, Doroteia optou por não considerar as agressões sofridas e desenvolveu *táticas* de elevar o preço do *programa* para os seus agressores. Com essa ação, ela consegue em certa medida tirar proveito da situação e agir sobre ela. A *tática* dentro dessa lógica “tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar da ocasião” (CERTEAU, 2007, p.47). Tal como Doroteia, Aurora também descreve situações de agressões parecidas:

[...] tem pessoas que passam e falam coisas que você não quer ouvir, aquilo meio que te magoa. Mas eu fui aprendendo que são pessoas recalçadas, invejosas. Eu não dependo de ninguém para viver, eu dependo só de mim, então porque eu vou me sentir mal pelo que eu sou. Então foda-se, tô nem ai, porque já aconteceu do cara passar, gritar vira homem para mim, com a esposa na garupa da moto e depois de dois dias voltar sem a esposa e sair comigo e ter a cara de pau de falar que só falou aquilo porque a esposa tava perto (BERTOLINA, 2019).

Além da violência sofrida nas *avenidas*, ela expõe também conflitos que ocorreram fora das áreas de prostituição:

[...] tem muita mulher que me elogia e tem mulher que me critica! Já teve mulher de falar: nossa por que você usa um short tão curto? Aí eu falei: e por que que você não cuida da sua vida? O short é meu, fui eu que paguei! Eu posso usar ele curto, agora você, gata, com o seu corpo, eu te aconselho a continuar com essa saiona aí mesmo que eu não estou te pedindo sua opinião! (BERTOLINA, 2019).

Outro ponto exposto pelas entrevistadas diz respeito às suas percepções sobre os modos como são vistas pelos demais segmentos sociais. Doroteia relata sentir que as pessoas “[...] encaram a prostituição como sem-vergonhice. [...]. Você observa muito pelas pessoas que passam, porque tem gente que você tá lá em pé e não tá nem aí pra você, mas tem umas que passa, mexe, faz chacota. Já teve vez de eu tá na rua e tacar lixo em cima de mim, teclado de computador, latinha de cerveja” (RIDEL, 2018). Ao ser questionada sobre sua relação com os clientes, ela argumenta que em determinados momentos sente receio de seu trabalho, pois

[...] sei que é meu trabalho e tudo e tal e eu vejo que a maioria do público da prostituição, que vai fazer programa com travesti, noventa por cento é homem casado. Então tem hora que me bate aquele arrependimento e eu falo, nossa gente! Eu fico imaginando se fosse eu que tivesse no lugar da mulher dele em casa e ele saindo com outra na rua. Tem hora que se pega aquilo e fica imaginado se fosse eu que estivesse no lugar dela. Mas não fui eu que foi procurar, foi ele que foi procurar, por um lado não pesa, mas por um lado, não sei se de todas, mas na minha pesa! Que eu não gosto de fazer com os outro o que não gostaria que fizesse comigo, entendeu!? Então eu fico meio assim (RIDEL, 2018).

Além da violência e estigma que sofrem nas ruas e *avenidas*, é comum encontrar, nas narrativas travestis, relatos de conflitos envolvendo seus familiares. No caso de Aurora, as divergências ocorrem, em sua grande maioria, por conta de seu trabalho com a prostituição. Como apresentado por ela, “a minha mãe não gosta! [...] porque ela tem muito medo de agressão, de briga, de trem assim” (BERTOLINA, 2019). Diferente do que é relatado por Aurora, a mãe de Doroteia

[...] sempre encarou as coisas muito bem, nunca tive problema com a minha mãe com a prostituição. Então é com o dinheiro da prostituição que eu mantenho minha casa toda, ela. Nunca dei trabalho pra ela, não falto no respeito com ela, então o que eu faço do portão pra fora é problema meu, não trazendo problema pra dentro da casa dela. (RIDEL, 2018).

A aceitação por parte da mãe de Doroteia pode, em certa medida, estar relacionada com questões financeiras, afinal é com o dinheiro da prostituição que Doroteia mantém a casa de sua mãe. Da mesma forma, Aurora também aponta que um dos fatores que ajudaram a melhorar a relação com seus familiares foi a ajuda financeira. Nesse sentido, nota-se que, até certo ponto, a boa convivência

com os familiares é mantida por fatores econômicos. Com base nas experiências das entrevistadas, é possível pensar uma relação ambígua estabelecida com a prostituição. Ao mesmo tempo em que seus familiares criticam a prática da prostituição, considerando-a como moralmente inadequada, eles necessitam do dinheiro adquirido com o trabalho.

Nesse contexto contraditório que envolve a prática da prostituição, é possível pensar as razões pelas quais os indivíduos permanecem nesse mercado. Algumas travestis continuam nesse ramo pois sentem prazer e satisfação. Nos casos de Aurora e Doroteia, elas se mantêm no mercado sexual pois dependem da prática para se sustentarem. Doroteia, ao refletir sobre os prazeres encontrados na prostituição, relata que

[...] em oito anos, quase dez anos de prostituição, tive prazer na minha vida três vezes, foi muito! O resto é tudo fingimento, é tudo pro cliente andar depressa e me dar meu dinheiro. Não tem prazer nenhum! Se eu falar que tem, eu vou tá mentindo! Muitas das vezes eu tenho assim é nojo. Tem gente que acha que é feio sentir nojo do ser humano, mas tem umas coisas que não dá pra você suportar (RIDEL, 2018).

De modo semelhante, Aurora aponta que uma das razões para sua permanência são as poucas chances que ela tem para arrumar um emprego com carteira assinada. Como narrado, mesmo tendo um bom currículo, “não é todo mundo que quer contratar uma travesti, uma trans, não mesmo! Um salão, coisas assim sim! Mas uma loja, acho que você nunca viu uma travesti te atendendo, você não vê! Porque o povo tem muito preconceito” (BERTOLINA, 2019).

Diante das reflexões realizadas neste estudo a respeito da prostituição e considerando as falas e representações das entrevistadas, nota-se que a prática não pode ser considerada apenas como uma fonte de renda, devendo ser pensada também como fonte de obtenção de determinadas experiências. Nesse sentido, em vez de entender a prostituição apenas como uma forma degradante de trabalho, é necessário considerá-la como um espaço no qual algumas travestis sentem-se reconhecidas e admiradas. Como argumentado por Kulick, a prostituição “faz com que as travestis se sintam *sexy* e atraentes” (KULICK, 2008, p.151) e em alguns contextos esses indivíduos podem “desenvolver autoestima, autoconfiança, valor pessoal, além de se sentirem como objeto de verdadeiros e intensos desejos” (KULICK, 2008, p.151).

É por meio das experiências vividas e das expectativas ansiadas que se constitui e se articulam as diferentes dimensões do tempo histórico (KOSELLECK, 2006, p. 308). Portanto, é com base nessa

concepção, que se busca compreender os anseios e expectativas das entrevistadas. Nesse contexto, para além da prática da prostituição, o futuro para Aurora significa

[...] começar a fazer um curso de banho e tosa, e eu quero investir nisso para mim ter um futuro melhor! Porque ficar só na prostituição uma hora acaba, o corpo lindo tchau e vai ser uma travesti velha! Quando eu não estou fazendo programa, eu gosto de sair, beber, conversar com os amigos. Mas assim, profissionalmente é isso! Eu quero tentar nessa área, até fazer uma faculdade, não sei, talvez sim! Eu não pretendo ficar nisso toda vida não! Porque tem hora que cansa a mente da gente, porque tem vez que você não quer fazer aquilo, você está fazendo só pelo dinheiro e tem hora que incomoda! (BERTOLINA, 2019).

Na experiência de Doroteia, ela aponta que, fora da prostituição, é uma pessoa mais caseira e que “se falar vamo lá na boate ou vamo compra uma pizza e ver um filme. Vamo comprar a pizza e ver o filme!” (RIDEL, 2018). Ela ressalta também que seus planos incluem

[...] sair da prostituição definitivo! Eu acho que minha cota de prostituta já deu, já acabou, já tô fazendo hora extra na prostituição, eu acho que já deu. Aí eu tava até vendo sabe? Eu me inscrevi no ENEM esse ano, eu tava com a curiosidade de fazer faculdade. Como eu trabalhei na prefeitura eu via as assistentes sociais, fiquei com vontade de fazer serviço social (RIDEL, 2018).

Conforme exposto nos fragmentos, parece haver um prazo de validade para os corpos travestis. Como dito por Doroteia “minha cota de prostituta já deu” (RIDEL, 2018). Aurora também aponta seus anseios e medos com seu futuro “uma hora acaba, o corpo lindo tchau e vai ser uma travesti velha!” (BERTOLINA, 2019). Nesse sentido, nota-se que os horizontes de expectativas representados por elas se projetam para um campo do desconhecido e das incertezas, mas fora da prostituição. Assim, apesar dos medos e das dificuldades imaginadas em relação à passagem do tempo e à vida na velhice, Aurora e Doroteia abrem horizontes de expectativas para imaginarem futuros descomplicados.

Considerações finais

Como demonstrado no decorrer deste trabalho, as trajetórias de vida dos indivíduos travestis são caracterizadas por uma multiplicidade de experiências. Desde muito cedo, as entrevistadas percebem que existe algo de diferente em suas identidades e seus corpos. Com a chegada dos conflitos da vida adulta, os elementos que envolviam uma *montação* efêmera, não foram mais suficientes para satisfazerem as vontades e expectativas. Os indivíduos travestis passaram por uma variedade de processos identitários para se construir e se representar enquanto femininos. Como demonstrado, Aurora e Doroteia vislumbraram em seus corpos maneiras concretas e permanentes de afirmar,

produzir e inventar o feminino. Para além de cabelos e maquiagens, tanto Doroteia quanto Aurora utilizaram-se de hormônios, implantes e próteses para satisfazer seus desejos de obter corpos femininos.

Nessa pesquisa verificou-se que os fatores anatômicos e fisiológicos que costumam classificar e categorizar os indivíduos travestis e *trans* não se aplicam nas concepções das entrevistadas. Dentro desse contexto, percebeu-se que para Aurora e Doroteia *ser travesti* ultrapassa as barreiras de montagem dos corpos, aplicação de silicone e usos de hormônio. No decorrer desta pesquisa a diferenciação do termo *trans* e travesti deu-se por meio da auto identificação muito mais do que por atribuição.

Outro ponto que pôde ser observado na pesquisa é que à medida que as transformações corporais e os atributos femininos tornavam-se mais visíveis, as relações com familiares e com os demais segmentos sociais tornavam-se mais complicadas e instáveis. Portanto notou-se que, ao serem relegadas ao campo do estigma, Aurora e Doroteia buscaram na prostituição formas de sobreviver e de ter seus corpos e identidades aceitos.

Após muitos anos no mercado sexual, percebeu-se que esses indivíduos começaram a criar novas expectativas, a imaginar e a traçar planos distintos para seus futuros. Em suas narrativas, as entrevistadas evidenciaram a percepção de que existe um prazo de validade para os corpos travestis e que, quando imaginam o passar do tempo e a chegada da velhice, seus horizontes de expectativas projetam-se para um campo do desconhecido, das incertezas e das possibilidades. Por fim, constatase que, mesmo diante dos medos e dificuldades, Aurora e Doroteia abriram seus horizontes de expectativas para imaginar futuros descomplicados.

Referências bibliográficas:

BRASIL. **Plano nacional de enfrentamento da epidemia de Aids e das DST entre gays, HSH e travestis**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BUTLER, Judith. Inscricões corporais, subversões performativas. In: **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 185-201.

CERTEAU, Michel. Estratégias e táticas. In: **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 97-102.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2020.

DUQUE, Tiago. **Montagens e desmontagens**: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes. São Paulo: Annablume, 2011.

DUQUE, Tiago. Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre um morrer, virar e nascer travesti na adolescência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 489-500, maio 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200010>>. Acesso em: 16 maio 2018.

FATAL MODEL. **Fatal Model**, 2020. Ementa (O site Fatal Model disponibiliza a plataforma para que acompanhantes possam divulgar seu trabalho. Vale lembrar que o conteúdo do anúncio é de responsabilidade do anunciante e que o Fatal Model é apenas uma rede social). Disponível em: <<https://fatalmodel.com/>>. Acesso em: 04, maio 2020.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, nº 2, p. 01-35, jul. /dez. 1995. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2020.

THOMPSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. **Projeto História**, São Paulo, v. 15, set. 2012. ISSN 2176-2767. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11216>>. Acesso em: 29 maio 2020.

KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In: **Futuro Passado: contribuição a semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 305-327.